

OFICINAS EXPRESSIVAS NO CAPS: ARTE COMO METODOLOGIA DE REABILITAÇÃO PSICOSSOCIAL

HIZABELLA DE ANDRADE BARROS CRUZ¹; MARIA CLARA CARNEIRO BASTOS²; CAROLINE MARTINS BASTOS LIMA³; ROBERTA LIMA MACHADO DE SOUZA ARAÚJO⁴; AMANDA LEITE NOVAES⁵

¹*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – habcruz@hotmail.com*

²*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – contatomariaclaraa@gmail.com*

³*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – carol_martins8@live.com*

⁴*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – robertamachado.psi@gmail.com*

⁵*Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS) – alnovaes@uefs.br*

1. INTRODUÇÃO

O movimento de Reforma Psiquiátrica no Brasil se consolida como marco fundamental da política de assistência à saúde mental através da Lei nº 10.216/2001 que dispõe “sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras de transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental” (BRASIL, 2001, p.1). Esta lei se propõe a firmar um modelo de atenção aberto e de base comunitária, visando garantir a livre circulação das pessoas nos serviços, em oposição ao modelo hospitalocêntrico. Mais do que uma transformação técnica, os marcos dessa crítica epistemológica influênciam o campo social, o universo jurídico e os meios acadêmicos (BEZERRA JR, 2007).

A composição de novos equipamentos em saúde, fruto do movimento de Reforma Psiquiátrica, vem modificando a estrutura da assistência em saúde mental, convocando progressivamente a substituição do modelo manicomial (AMARANTE, 2007). Nesse ínterim, os Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) em suas diversas modalidades são instituídos, dispondo de uma rede de assistência em consonância aos princípios e diretrizes do Sistema Único de Saúde (SUS). É a partir das oficinas terapêuticas expressivas, reconhecidas como instrumentos utilizados em instituições não-hospitalares desde 1991, (CEDRAZ, 2006; CEDRAZ & DIMENSTEIN, 2005) e da utilização da arte como metodologia possível de acesso aos sujeitos e suas histórias, que o presente trabalho se desenvolve.

Ao falarmos da interlocução entre arte e saúde mental, compreendemos o processo de produção artística como uma tecnologia de cuidado que pode vir a ser fundamental na promoção da reabilitação psicossocial. Desse modo, as práticas artísticas possibilitam a criação de novas formas de comunicação para além da verbalização, assegurando aos indivíduos a expressão daquilo que por vezes é/está limitado pela comunicação via linguagem verbal. Assim, a arte “permite a expressão de conteúdos que não respeitam a ordenação lógica e temporal da linguagem.” (TAVARES, 2003, p. 37).

Partindo destes *a priori*, o trabalho objetiva suscitar reflexões a respeito da possibilidade de interlocução entre a arte e a promoção de saúde mental; tendo como base a compreensão da arte como uma estratégia possível para (re)construção singular da subjetividade de cada um. Esta atividade está vinculada ao Projeto de Extensão Psicologia e Arte: Oficinas de Arte em Dispositivos de Saúde Mental de Feira de Santana – BA, (CONSEPE Nº 090/2017), do Núcleo de Estudos da Contemporaneidade (NUC/UEFS), em parceria com o Núcleo Inter/Transdisciplinar em Ensino, Pesquisa e Extensão de Educação em Saúde (NIEPEXES/UEFS).

2. METODOLOGIA

O presente trabalho caracteriza-se como um relato de experiência das atividades extensionistas realizadas em um CAPS II, localizado no município de Feira de Santana – BA, no período de outubro de 2019 a março de 2020. As ações desenvolvidas fundamentaram-se no estabelecimento de contato com a equipe atuante do dispositivo de saúde mental, reunião com a psicóloga da unidade, estudos de materiais – artigos e manuais – para o embasamento teórico das práticas, realização de cinco oficinas temáticas para os usuários do CAPS e duas práticas de sala de espera como forma de estreitamento de vínculo com os usuários e divulgação das oficinas. Assim como, para essas atividades, ocorreram supervisões e planejamento junto às orientadoras do projeto.

Por se tratar de um projeto que articula-se em três planos de trabalhos executores, as oficinas expressivas propostas dialogavam com três modalidades artísticas: artes plásticas, dança circular e teatro do oprimido.

Tabela 1. Modalidades artísticas vinculadas aos Planos de Trabalho das extensionistas e seus respectivos objetivos.

MODALIDADE ARTÍSTICA	OBJETIVOS DAS ATIVIDADES
Artes Plásticas	Livre expressão; autopercepção; autoconhecimento; criatividade e fortalecimento de vínculo.
Dança Circular	Consciência corporal; inclusão; integração; acolhimento às diversidades; exercício físico por meio do movimento; a promoção de consciência e cooperação.
Teatro do Oprimido	Improviso; consciência corporal; discussão; socialização e fortalecimento de vínculo.

Articulando-se à tais objetivos, foram propostas para cada oficina atividades de pelo menos uma das três modalidades, que desenvolvessem os aspectos do quadro anterior e os relacionassem a vivência da reabilitação psicossocial, bem como a questões subjetivas de cada usuário participante, pois compreendemos que a oficina deve ser um espaço no qual os sujeitos possam sentir-se à vontade e acolhidos em suas demandas.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados preliminares, podemos citar o vínculo formado com profissionais da equipe do dispositivo de saúde mental e, desse modo, o contato com a dinâmica de funcionamento do dispositivo da rede de atenção psicossocial. Contato este que se dá a partir da promoção, nesse local, de mais uma possibilidade de espaço terapêutico o qual forneceu práticas de cuidado considerando a singularidade dos sujeitos.

Além disso, a atuação na unidade, por meio das oficinas, possibilitou também o contato com alguns dos desafios que envolvem a prática nesses locais, tal como, por exemplo, a dificuldade em estimular a presença dos usuários nas oficinas de modo constante, deslocando a centralidade da reabilitação psicossocial do viés apenas psiquiátrico. Apesar disso, conseguimos realizar práticas nas quais os

participantes se mostraram abertos às propostas de atividades que sugeríamos e, para além da elaboração artísticas dos exercícios e dinâmicas, alcançamos como resultado também o desenvolvimento de um ambiente dialógico, em que as demandas suscitadas durante as atividades foram socializadas. Sendo então a arte a ferramenta suscitadora, os participantes utilizaram os materiais presentes para comunicar algo sobre si e, a partir disso, pudemos acessar suas narrativas sobre suas histórias de vida, seus modos singulares de lidar com a vivência do sofrimento psíquico e as práticas possíveis de autocuidado.

Desse modo, os recursos artísticos utilizados nas oficinas expressivas funcionaram como ferramenta para estimular e mediar a manifestação de emoções, sentimentos, dores e desejos que os sujeitos necessitavam comunicar naqueles momentos (TAVARES, 2003). Tais manifestações junto às elaborações conjuntas sobre as questões comunicadas reafirmou a construção do vínculo entre as oficineiras com os usuários da oficina, bem como dos participantes entre si, que se sentiam seguros em partilhar suas histórias de vida e seus modos singulares de enfrentamento às angústias. Vale ressaltar, que as narrativas demonstravam o caráter social que também há nos processos patológicos contemporâneos.

Este trabalho serve também como um reforçador da divulgação da arte como meio auxiliar ao tratamento desses usuários, se levarmos em consideração que a saúde vai além do tratamento medicamentoso. Assim, atividades de lazer, apoio e atenção facilitam o desenvolvimento do potencial criativo dos participantes e dessa forma, a realização das oficinas de arte incentiva a captação de novas habilidades e melhorando a qualidade de vida (SIQUEIRA & BARJA, 2009).

4. CONCLUSÕES

As experiências das oficinas terapêuticas expressivas aqui relatadas reafirmam a possibilidade de interlocução entre as metodologias artísticas e a saúde mental como forma de mobilizar afetos, viabilizar a expressão e criar, conjuntamente, estratégias de cuidado nas quais os sujeitos possuem um papel ativo. Essas experiências funcionam não somente como processo de intervenção com os usuários do serviço de saúde mental, mas também como processo transformador para as estudantes participantes do mesmo e que conduziram as práticas, pois o contato com as vivências e o conhecimento proporcionam o desenvolvimento de formação humana e autonomia.

A realização das oficinas traz a possibilidade de atuação prática dos pressupostos teóricos acerca do sofrimento psíquico, permitindo desenvolver a escuta ativa dos sujeitos e a identificação de suas demandas. Dessa forma, afastando-se de uma perspectiva focada na patologia, a proposta das oficinas terapêuticas artísticas no CAPS reforça a promoção de um cuidado humanizado, preventivo e integral aos sujeitos, no qual as práticas, para além de resultar em um produto artístico, sejam meio de manifestações de suas construções subjetivas.

Para além disso, estar em contato com dispositivos substitutivos de saúde mental reafirma a luta antimanicomial, assim como sublinha a importância da atuação nesses espaços para uma formação profissional ética e de qualidade, fortalecendo o objetivo da extensão de ligação entre a universidade e a comunidade externa.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARANTE, P. Saúde Mental e Atenção Psicossocial. Rio de Janeiro; Editora Fiocruz. 2007.

BRASIL. Lei 10.216, de 06 de Abril de 2001. Dispõe sobre a proteção e os direitos das pessoas portadoras e transtornos mentais e redireciona o modelo assistencial em saúde mental.

CEDRAZ, Ariadne. Nem tudo que reluz é ouro: oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica. Natal, RN, 2006. Monografia (Mestrado em Psicologia) Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Programa de Pós-Graduação em Psicologia

CEDRAZ, Ariadne; DIMENSTEIN, Magda. Oficinas terapêuticas no cenário da Reforma Psiquiátrica: modalidades desinstitucionalizantes ou não? Revista Mal-Estar e Subjetividade. Fortaleza v. V, N. 2. Set. 2005. p. 300 – 327

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

PEROVANO, D. G. Manual de Metodologia Científica para a Segurança Pública e Defesa Social. Ed. JURUA, 1. ed., 2014.

SIQUEIRA, A. C. M. B.; BARJA, A. M. Um novo olhar para os pacientes psicóticos: intervenções de terapia ocupacional, 2009. Trabalho apresentado ao XIII Encontro Latino Americano de Iniciação Científica e IX Encontro Latino Americano de Pós-Graduação, São Paulo, 2009. Disponível em:
http://www.inicepg.univap.br/cd/INIC_2009/anais/arquivos/0962_0536_01.pdf.

TAVARES, C. M. M. O papel das artes nos Centros de Atenção Psicossocial - CAPS. **Rev. Bras Enferm**, Brasília (DF), v56, n1, p. 35-39, 2003.